

Imprensa feminina e normatização

Uma análise da edição de 1914 do *Jornal das Moças* a partir da hemeroteca digital

Women's press and social norms: an analysis of the 1914 issue of Jornal das Moças using the hemeroteca digital

Recebido em: 19/10/2025

Aprovado em: 05/05/2026

Anna Beatriz Esser dos Santos

[Sobre a autora >>](#)

RESUMO

Este artigo analisa a imprensa feminina brasileira na transição do século XIX para o XX, com foco na edição de 1914 do *Jornal das Moças*. O estudo investiga como o periódico atuou como instrumento do processo civilizador e disciplinador moral, oferecendo, simultaneamente, um espaço para a expressão feminina e a construção de subjetividades. A pesquisa é realizada a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, articulada a um procedimento metodológico que problematiza o acesso e a materialidade das fontes digitais. Sob o olhar da história das mulheres, das relações de gênero e da história social, debate as questões da participação feminina nos periódicos da época, por intermédio das participações de Violeta-Odetta, colaboradora recorrente que tensionou as fronteiras entre a moderação editorial e a autonomia intelectual.

Palavras-chave: gênero; imprensa feminina; normatização; *Jornal das Moças*; hemeroteca digital.

ABSTRACT

This article analyzes the Brazilian women's press during the transition from the 19th to the 20th century, focusing on the 1914 edition of the *Jornal das Moças*. The study investigates how the periodical acted as an instrument of the civilizing process and moral discipline, while simultaneously offering a space for female expression and the construction of subjectivities. The research is conducted using the Hemeroteca Digital of the Biblioteca Nacional, linked to a methodological procedure that problematizes access to and the materiality of digital sources. Through the lenses of women's history, gender relations, and social history, it debates issues regarding female participation in the periodicals of the period, through the contributions of Violeta-Odetta, a recurring collaborator who strained the boundaries between editorial moderation and intellectual autonomy.

Keywords: gender; women's press; normatization; *Jornal das Moças*; digital newspaper library.



Introdução

Este artigo tem como propósito examinar a imprensa feminina brasileira na passagem do século XIX para o XX, destacando seu papel na construção e circulação de modelos normativos de conduta e identidade feminina. Centra-se, particularmente, na edição inaugural do *Jornal das Moças* (1914), buscando compreender como esse periódico atuou como instrumento do processo civilizador e de disciplinamento moral, ao mesmo tempo em que ofereceu um espaço de sociabilidade e expressão de subjetividades femininas que, por vezes, transitaram às margens das normas de disciplinamento. Esse duplo aspecto é analisado por meio da trajetória de Violeta-Odette, colaboradora recorrente que, ao ocupar as páginas da revista, demonstrou como o exercício da agência feminina ocorria, frequentemente, por intermédio de estratégias de negociação entre a conformidade esperada e o desejo de autoria intelectual.

A investigação ancorou-se nas abordagens da história das mulheres, das relações de gênero e da história social, utilizando a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional como acervo e ferramenta metodológica para o acesso e o exame das fontes. A análise da imprensa feminina nesse período implica considerar o entrelaçamento entre os discursos de civilidade e os mecanismos de regulação do comportamento feminino. A sociologia histórica de Norbert Elias (1994) nos ajuda a compreender como a literatura de civilidade, composta por manuais de comportamento e tratados de boas maneiras, operou como instrumento de interiorização de modelos de conduta baseados na contenção emocional e no autocontrole corporal, legitimando hierarquias sociais e de gênero. Nessa perspectiva, a imprensa feminina aparece como um dos principais mediadores dessa pedagogia moral, adaptando o discurso civilizador à vida doméstica, às relações afetivas e ao ideal burguês de feminilidade.

A utilização da categoria de gênero, conforme formulada por Joan Scott (1995), permite compreender tais publicações como espaços de produção simbólica de diferenças e relações de poder. O gênero é aqui concebido tanto como estrutura normativa quanto como campo de disputa e ressignificação, no qual as experiências históricas de

mulheres e homens adquirem sentidos diversos (Soihet; Pedro, 2007). Essa abordagem possibilita ultrapassar interpretações binárias entre submissão e emancipação, reconhecendo na imprensa feminina práticas discursivas que negociavam, tensionavam e, por vezes, subvertiam os códigos de comportamento vigentes.

Nesse contexto, o *Jornal das Moças*, desde sua primeira edição, consolidou-se como veículo de difusão de valores associados à domesticidade, à aparência e à moral familiar, reforçando ideais de civilidade e estabilidade social (Almeida, 2008; Santos, 2019). Entretanto, sua materialidade discursiva revela ambivalências: ao lado de prescrições morais e padrões de conduta, emergem vozes femininas que exprimem sensibilidades modernas, anseios de reconhecimento e formas sutis de resistência.

Assim, o periódico mantinha discursos de controle social sobre o gênero feminino e refletia as tensões entre tradição e modernidade que marcaram o início do século XX no Brasil. A análise da edição de 1914 busca demonstrar como o *Jornal das Moças* articulava civilidade, poder e subjetividade, funcionando simultaneamente como instrumento de disciplinamento e arena de negociação. À luz da história social do gênero, propõe-se a entender de que maneira a imprensa feminina contribuiu para definir, disciplinar e pluralizar as possibilidades de ser mulher na sociedade do início do século XX.

Arquivo, memória e história digital

Os arquivos são conjuntos organizados de documentos que preservam tanto a materialidade quanto a história dos fatos sociais, atuando como “lugares de memória” nos quais passado e presente se entrelaçam (Monteiro, 2014; Nora, 1993). A memória coletiva emerge de práticas e recordações sociais que selecionam o que deve ser preservado e lembrado, ressaltando que memória e esquecimento são processos complementares da construção do conhecimento histórico. Esse saber resulta da tensão entre a experiência vivida e seu registro documental, atravessado por relações de poder que influenciam a interpretação do passado.

A digitalização promove uma “rematerialização” (Andreacola, 2016) dos acervos. Embora algumas características físicas dos documentos se percam, estes passam a existir em suporte digital, ampliando o acesso e a difusão da informação. A incorporação de metadados, isto é, as informações em dados que qualificam e contextualizam os documentos, viabilizam buscas e análises mais sofisticadas (Brasil; Nascimento, 2020).

Para a historiografia, esse cenário desafia a conciliação entre a fragmentação típica da leitura digital e a necessidade de uma compreensão que articula os trechos, exigindo rigor metodológico para evitar leituras superficiais e garantir a integridade e a autenticidade das fontes.

Os arquivos também constituem espaços políticos e sociais, arenas estratégicas de disputa pela construção da memória e da verdade social (Cook; Schwartz, 2002). A seleção, avaliação e preservação documental são processos políticos, mediados por interesses institucionais, em que arquivistas e órgãos agem como coautores da memória social, moldando as narrativas transmitidas às gerações futuras.

Michel Foucault (2008) repensa a concepção tradicional de arquivo, definindo-o como um sistema de condições que determina o que pode ser dito, registrado e culturalmente legitimado, desempenhando assim um papel regulador sobre discursos e saberes. Nessa perspectiva, a memória transcende a mera preservação do passado, configurando-se como um instrumento estratégico de poder que atua na fabricação, gestão e controle dos conteúdos que devem ser lembrados ou esquecidos.

Complementarmente, Pierre Nora propõe que os “lugares de memória” (Nora, 1993) são espaços investidos tanto de valor material quanto simbólico, onde a memória coletiva consegue se perpetuar diante da efemeridade da experiência vivida:

Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer (Nora, 1997, p. 226).

Para ele, esses espaços dependem de práticas conscientes para se manter vivos, funcionando como instâncias sociais e políticas em que a memória se constrói, se materializa e se legitima permanentemente.

Partindo dessas abordagens, a arquivística contemporânea reconhece que os arquivos não são neutros, uma vez que a seleção e a preservação documental são construções sociais dinâmicas, reflexos de decisões políticas inseridas em contextos históricos específicos (Monteiro, 2014). Assim arquivos, monumentos e instituições tornaram-se arenas de lutas políticas, em que algumas narrativas hegemônicas se legitimam enquanto outras são marginalizadas, reafirmando a íntima relação entre poder, memória e registro histórico.

Na contemporaneidade, acrescentam-se ao debate os desafios enfrentados pela história digital,¹ como a fragilidade da integridade e a autenticidade dos documentos digitalizados, a necessidade de avaliação crítica dos metadados e a adaptação das metodologias tradicionais ao ambiente digital (Brasil; Nascimento, 2020; Monteiro, 2014). Por outro lado, destacam-se as oportunidades de acesso remoto ampliado, como o acesso a arquivos, o cruzamento de grandes bases documentais e o uso de Softwares Qualitativos Assistidos por Computador² para análise de vastos volumes de fontes e a democratização do patrimônio documental (Brasil; Nascimento, 2020). Dessa forma, os arquivos digitais configuram um novo campo epistemológico e prático que exige constante atualização teórica e metodológica por parte dos historiadores.

Com o avanço das plataformas digitais, o debate sobre os arquivos como espaços de disputa se intensificou. Segundo Mon-

¹ O campo da história digital demanda uma distinção fundamental: o uso de documentos digitalizados (como é o caso das edições do *Jornal das Moças* acessadas via Hemeroteca Digital) não se confunde com a análise de documentos nativamente digitais. No presente artigo, a história digital é compreendida como um campo que impõe desafios epistemológicos sobre a forma com que a mediação tecnológica reconfigura a leitura, a organização e a interpretação do acervo. Para uma reflexão sobre como essas distinções impactam o ofício do historiador e o rigor necessário na pesquisa com fontes digitalizadas, ver Prado (2021).

² Do inglês Computer Aided Qualitative Data Analysis Software (CAQDAS), softwares que auxiliam na análise de dados.

teiro (2014), o arquivo representa uma instância de poder e legitimação narrativa, em que seleção, ausência e disputa de memória permeiam sua estruturação e acesso. A migração dos documentos para o digital transforma sua inteligibilidade, demandando reflexões metodológicas atualizadas sobre a natureza da fonte, além de novos modos de leitura e análise (Brasil; Nascimento, 2020).

Para além dos desafios técnicos e epistemológicos, Anita Lucchesi (2022) aponta para a reflexão metodológica sobre o fazer histórico digital. Lucchesi (2022, p. 40) propõe que a historiografia digital demande uma “hermenêutica da prática”, isto é, uma reflexão sistemática sobre os próprios processos de pesquisa, escolhas conceituais e ferramentas empregadas na produção do conhecimento histórico. Para ela, a experimentação no campo da história pública digital implica documentar criticamente os percursos, erros e acertos que configuram novas formas de escrita da história no ambiente digital. Essa postura permite que as práticas historiográficas sejam compreendidas como parte ativa da construção do conhecimento, tornando-se, elas mesmas, objeto de análise e reinterpretação.

No percurso da elaboração deste texto, essa perspectiva orientou a leitura da Hemeroteca Digital como repositório de fontes e ambiente de pesquisa marcado por mediações tecnológicas, filtros de busca e assimetrias de visualização, elementos que condicionam o acesso ao *corpus* e interferem nas próprias possibilidades de interpretação. Essa hermenêutica da prática, segundo Lucchesi (2022), constitui um método de investigação e de estratégia crítica para compreender como as tecnologias digitais reconfiguram as relações entre poder, memória e narrativa histórica.

A Hemeroteca Digital como acervo e ferramenta metodológica

A pesquisa foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional a partir da busca sistemática pela edição inaugural de 1914 do *Jornal das Moças*, selecionada por marcar o início da circulação do periódico e por reunir textos, imagens, anúncios e colabo-

rações que permitem observar a articulação entre normatividade e agência feminina. A leitura combinou o exame do conteúdo verbal e visual, considerando também as mediações da plataforma digital, e os limites do reconhecimento óptico de caracteres (OCR) e da organização do acervo. Para compreender a potencialidade desta escolha metodológica, é necessário situar a própria infraestrutura do acervo utilizado.

A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, um dos maiores e mais acessíveis acervos digitais dedicados à imprensa nacional, disponibiliza milhões de páginas digitalizadas gratuitamente para consulta remota (Brasil; Nascimento, 2020). Essa democratização do acesso amplia substancialmente as possibilidades de pesquisa histórica. Essa democratização do acesso amplia as possibilidades de pesquisa histórica, eliminando a necessidade de deslocamentos físicos e consultas prolongadas em arquivos convencionais. Funciona como infraestrutura para a história digital, ao incorporar tecnologias avançadas, como o reconhecimento óptico de caracteres (OCR) e a indexação através de metadados padronizados que qualificam e contextualizam os documentos (Assis; Paula, 2024; Giordano, 2016).

Metodologicamente, a plataforma oferece ferramentas avançadas de busca que permitem localizar termos, nomes e expressões em múltiplas coleções de periódicos. Pode-se refinar a pesquisa por título, período, localização e outros filtros, favorecendo delimitações analíticas precisas e rigorosas (Teixeira, 2023). Essa busca remota representa uma inovação significativa para a historiografia, pois viabiliza um exame ágil de grandes volumes documentais, facilitando a identificação de padrões, conexões e transformações temporais em fontes massivas. No entanto, tal facilidade exige do pesquisador atenção metodológica para evitar leituras superficiais ou fragmentadas, demandando sempre o cruzamento crítico com a historiografia e o contexto dos documentos (Brasil; Nascimento, 2020).

A digitalização altera também a materialidade das fontes, configurando uma “materialidade digital” que suscita reflexões epistemológicas na pesquisa histórica (Brasil; Nascimento, 2020). Esse processo de rematerialização preserva a essência documental ao transformar suporte físico em digital, embora com perda de

características sensoriais originais, ampliando, contudo, a acessibilidade, a replicabilidade e a interatividade com o acervo (Assis; Paula, 2024). Essa nova condição impõe novos desafios investigativos, como a verificação da qualidade técnica da digitalização e dos metadados que contextualizam as fontes (Teixeira, 2023).

Outro aspecto crucial reside no potencial da Hemeroteca Digital para realizar investigações transversais que cruzam diferentes fontes, geografias e temporalidades, superando limitações das pesquisas convencionais. Estudos que reconstruíram trajetórias sociais, como as de sujeitos negros ou a trajetória de mulheres educadoras na Primeira República (Schueler; Rizzini, 2024), ilustram como a ferramenta amplia o horizonte da pesquisa, revelando dinâmicas antes pouco acessíveis.

Apesar das críticas relativas ao risco de leituras parciais pelo uso indiscriminado das buscas textuais, a plataforma oferece outros recursos que possibilitam o exame integral dos periódicos, contribuindo para superar tais limitações metodológicas (Teixeira, 2023). Essa combinação de maior acesso às fontes e o uso de ferramentas digitais de análise potencializa epistemologicamente o fazer historiográfico contemporâneo, abrindo novas possibilidades para formulação de perguntas, aprofundamentos e formas narrativas na escrita da história (Brasil; Nascimento, 2020).

Em tal perspectiva, a Hemeroteca Digital deve ser utilizada como uma mediação constitutiva do próprio trabalho historiográfico. É por meio dela que se delineiam as condições de acesso e os limites da leitura, de modo que a pesquisa histórica passe a requerer a amplitude do acervo e a criticidade do pesquisador para lidar com suas interfaces, filtros e silêncios. Assim, o uso dessa plataforma amplia a técnica das possibilidades de consulta e permite uma reformulação do olhar histórico, já que a relação com as fontes é atravessada por escolhas de busca, recortes de *corpus* e negociações com a materialidade digital. Nesse sentido, a Hemeroteca se apresenta como espaço de investigação e como objeto de reflexão pois explicita que toda prática historiográfica no ambiente digital envolve mediações, ruídos e condicionantes que precisam ser assumidos como parte do método.

A imprensa feminina para a formação de condutas

Entendendo que Hemeroteca Digital redefine as condições de acesso e leitura das fontes, ela também permite retomar, em novas bases, o estudo da imprensa feminina como espaço histórico de produção e circulação de normas de conduta. É nesse campo que se inscreve a trajetória das revistas destinadas ao público feminino, cuja consolidação, no Brasil, acompanha transformações mais amplas da cultura impressa e dos modos de organizar a experiência social das mulheres. Ao observar esses periódicos em sua longa duração, percebe-se que eles atuavam na sua difusão de valores instituídos, funcionando como dispositivos de formação moral, modelagem de comportamentos e elaboração de subjetividades.

A trajetória da imprensa feminina no Brasil contribuiu para a reprodução e a fabricação de mecanismos, tanto de produção quanto de circulação, dos modelos normativos de conduta feminina, especialmente a partir do século XIX. Seu surgimento remete às primeiras publicações europeias, como o *Journal des Dames et des Modes* na França, no final do século XVIII. Essa revista foi uma das primeiras a estabelecer a presença regular da publicidade naquela sociedade e contribuiu para consolidar uma cultura de consumo direcionada às mulheres (Buitoni, 1986).

No contexto brasileiro, essa imprensa emergiu com uma clara ambivalência. Por um lado, periódicos como *O Espelho Diamantino* (1827) e *O Jornal das Senhoras* (1852), sob a direção de Joana Paula Manso de Noronha, abriram espaço para debates sobre educação e emancipação feminina. Por outro, predominavam publicações controladas por homens, voltadas para normatizar condutas relacionadas ao lar, à maternidade e à moralidade (Almeida, 2008).

Nos grandes centros urbanos, o fenômeno se consolidou com o crescimento dos magazines ilustrados no início do século XX, que ampliaram seu repertório com seções de moda, culinária, orientações domésticas, conselhos sentimentais e literatura. Por meio de uma retórica valorizadora, essas revistas influenciaram e disciplinaram os modos de ser e agir das leitoras das classes média e alta (Lima, 2007).

Enquanto instrumentos de formação ideológica, as revistas femininas disseminavam padrões de domesticidade, moralidade e submissão, alinhados ao processo civilizador descrito por Norbert Elias (1994). Por meio de colunas de etiqueta, receitas e narrativas ficcionais, promoveram a internalização desses modelos, contribuindo para o confinamento da experiência feminina ao espaço privado.

Mesmo quando abordavam o ingresso feminino no mercado de trabalho, predominava a valorização das profissões tradicionalmente associadas ao trabalho doméstico, como o magistério e a enfermagem, reforçando o eixo do cuidado e da moralidade (Almeida, 2008). Essa retórica fortalecia o estereótipo da boa esposa e mãe abnegada, configurando o que Pinsky (2014) denomina “manual de boas maneiras” para mulheres.

A retórica das revistas manifestava-se em diversos gêneros discursivos e visuais, como colunas de conselhos, artigos moralizantes, crônicas sociais, conselhos sentimentais e ficção, marcados por uma linguagem paternalista e persuasiva (Santos, 2019). Ilustrações e fotografias desempenhavam papel central na construção de modelos de beleza, postura e elegância, geralmente ancorados em padrões eurocêntricos e hierarquias de classe.

Tais dispositivos operavam como normas sutis e eficazes de civilização e controle, atuando no cotidiano das leitoras para interiorizar modelos de feminilidade ajustados à ordem social vigente (Almeida, 2008). Ademais, a combinação de ficção, publicidade e instrução no conteúdo das revistas ajudava a naturalizar o consumo, a estética corporal e as formas de subjetivação alinhadas ao projeto de modernidade burguesa daquele período (Lima, 2007).

Transitando às margens

O exame da imprensa feminina revela o conjunto de estratégias de disciplinamento moral e a difusão de padrões civilizadores e das diversas fissuras inerentes a esse mesmo discurso. A rigidez dos modelos normativos não impedia a existência de um trânsito constante entre as prescrições hegemônicas e o surgimento de vozes que, embora situadas sob a esfera do privado, encontravam

meios de tensionar os limites do que lhes era permitido. É nesse espaço entre a norma imposta e a prática cotidiana que se articulam as margens do periódico, revelando a imprensa feminina e a imprensa feminista como um território permanentemente disputado de valores.

Ainda no século XIX, periódicos dedicados à emancipação e à educação da mulher, como *A Família* (1888) e *A Mensageira* (1897), transitaram entre campanhas progressistas e a preservação de discursos conservadores, reproduzindo contradições e resistências próprias dos embates políticos e culturais do período (Coelho, 2005).

Ao mesmo tempo em que mulheres galgavam espaços como redatoras e colaboradoras, frequentemente sob pseudônimos (Santos, 2019), persistia o duplo movimento, seja para a reafirmação dos papéis socialmente prescritos ou para a proposição de reflexões sobre igualdade de direitos, educação e cidadania. Essa dinâmica evidencia como as revistas foram, instrumentos de disciplinamento ideológico e arenas de negociação entre discursos divergentes sobre o papel da mulher (Santos, 2019).

Embora os periódicos femininos historicamente tenham sido associados à reprodução de padrões de civilidade e de condutas hegemônicas, como a exaltação da domesticidade, da moralidade e da submissão, sua atuação não se restringiu à repetição de modelos sociais legitimados pelas elites masculinas ou pelo Estado. Isso porque, em sua circulação entre as mulheres, tais publicações prescreviam comportamentos tidos como adequados ao papel de mãe, esposa e dona do lar, mas, também, instauravam espaços informais de sociabilidade e debate, revelando anseios, inquietações e até críticas ao *status quo*.

O conteúdo desses periódicos era atravessado por ambiguidades, por vezes recombinao prescrições morais com elementos de modernidade e perspectivas de autonomia, como no estímulo à educação formal, ao consumo cultural e até ao ingresso, ainda restrito, no mercado de trabalho (Almeida, 2008).

No caso do *Jornal das Moças*, em análise sobre as publicações do jornal no início do século XX, se entende que, ao mesmo tempo em que se reforçava a fantasia da “mulher ideal”, aquela responsá-

vel pela estabilidade do lar e pela moralidade da família, também se vislumbravam oportunidades para a interlocução entre diferentes segmentos de leitoras (Albuquerque, 2016). As cartas, colunas de conselhos e seções de cunho mais afetivo-criativo (poemas, contos, relatos do cotidiano) funcionavam como canais de troca em que as leitoras empreendiam leituras ativas, reinterpretavam normas e, por vezes, sugeriam alternativas ou críticas às injunções recebidas.

A dimensão de agência das mulheres nessas publicações ganha relevo ao observar-se a paulatina incorporação de colaboradoras do sexo feminino nas redações e a ascensão de editoras e colunistas mulheres ou seus pseudônimos (Santos, 2019). Essas presenças, embora limitadas, permitiram a introdução de vozes dissidentes e o surgimento de embates acerca de temas como educação, trabalho e igualdade de direitos, ainda que, frequentemente, integrados por discursos ambivalentes ou condicionados à defesa da “boa família”.

É fundamental, portanto, considerar as revistas femininas como espaços polifônicos e contraditórios: objetos culturais em que normas civilizatórias caminhavam lado a lado a desejos individuais, trocas afetivas, pequenas rebeldias e tentativas de resignificação dos destinos femininos impostos (Almeida, 2008). O potencial paradoxal desses suportes repousava, em parte, na polissemia de seus gêneros textuais (cartas, receitas, crônicas, conselhos, anúncios, gracejos), capazes de acionar tanto discursos normativos quanto gestos de criatividade, resistência ou deslocamento de sentidos tradicionais.

Esses espaços às margens permitiam às mulheres adotarem discursos ambíguos, ora incorporando valores tradicionais para garantir aceitação social, ora recorrendo à linguagem da modernidade e emancipação para se manterem nos espaços conquistados. Conforme Michel de Certeau (1998), tais ações podem ser compreendidas como táticas, maneiras criativas e adaptativas, desenvolvidas por aqueles que não detêm o poder pleno, mas são capazes de reapropriar elementos da ordem dominante para garantir sua autonomia e sobrevivência. Assim, a imprensa feminina do período ultrapassa a mera reprodução da civilidade hegemônica,

configurando um campo estratégico de disputas em que identidades eram negociadas, o papel público e privado da mulher, reimaginado, e novas práticas discursivas eram ensaiadas, mesmo dentro dos limites do patriarcado vigente (Almeida, 2008).

Análise sobre a edição de 1914 de *O Jornal das Moças*

O *Jornal das Moças* foi uma revista feminina de circulação nacional publicada semanalmente no Rio de Janeiro entre os anos de 1914 e 1965, hoje disponível em formato digital na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.³ Fundado por Agostinho Menezes e administrado pela Editora Jornal das Moças Ltda., era distribuído tanto nas capitais quanto em cidades do interior.

A edição de 1914 do *Jornal das Moças* emerge num cenário brasileiro marcado por profundas transformações sociais e culturais, em que o país experimentava simultaneamente dinamismos modernizadores e a persistência dos valores patriarcais tradicionais. Essa época, situada no final da Belle Époque carioca, foi caracterizada pela influência crescente da cultura europeia, pela urbanização acelerada das cidades brasileiras, e pela ampliação dos meios de comunicação impressos direcionados ao público feminino (Silva, 2022). Contudo, tais avanços coexistiam com estruturas sociais ainda fortemente marcadas pela desigualdade e pela rigidez dos papéis de gênero que relegavam a mulher ao espaço privado, doméstico e subordinado ao homem (Almeida, 2008).

O *Jornal das Moças* se configura como um veículo do mercado de impressos femininos que legitimava e reproduzia uma imagem do ser mulher. Segundo Santos (2019, p. 28), a revista promove um padrão feminino centrado na “delicadeza, elegância e controle das emoções”, representando “a mulher circunscrita à esfera privada”.

O trecho abaixo traz um pequeno poema e diálogo que funcionam como metáfora das lições recebidas por jovens mulheres, tal qual um manual de comportamento. O texto expressa o peso dos

³ Ver *Jornal das Moças* (1914-1965).

valores tradicionais, como resignação e honra, que demarcavam a formação feminina e reforçavam a autoridade materna e o destino atrelado ao casamento. Revela a associação entre práticas manuais (bordado) e a internalização de condutas disciplinares.

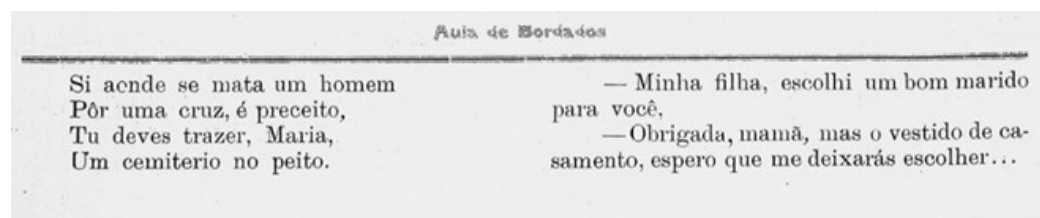


Figura 1. Aula de bordados. *Jornal das Moças*, 1914, edição 01, 21/05/1914.

As páginas do periódico estão repletas de orientações para o cultivo da beleza, da higiene pessoal e do vestuário adequado, que reverberam os modelos europeus, especialmente franceses, os quais eram indicados como parâmetro civilizatório e símbolo de status social. Na edição de 1914, essa orientação manifesta-se nas descrições detalhadas das modas sazonais, ilustradas por imagens que exaltam corpos esbeltos e posturas graciosas, características do ideal feminino da época (Santos, 2019).

A imagem seguinte mostra o destaque conferido à moda e ao comportamento. A figura da mulher elegante, inspirada no ideal francês, é acompanhada de orientações sobre etiqueta e vestuário, reafirmando o papel das revistas na educação visual e moral das leitoras. O discurso sobre “modas e modos” vai além das tendências, funcionando como dispositivo de distinção social, status e controle do corpo feminino, aspectos que reforçam a inserção da mulher na lógica burguesa do início do século XX.



Figura 2. Modas e modos. Jornal das Moças, 1914, edição 03, 15/06/1914.

Os anúncios publicitários do período complementam tal construção ao promover cosméticos, perfumes e artigos de vestuário que vinculam a beleza e a aparência corporal à boa índole e à felicidade doméstica, fortalecendo a ideia de que a mulher deve preservar sua aparência para garantir sua posição e prosperidade conjugal (Ferrochi, 2021). Os anúncios de costureiros e ateliês, como os da imagem abaixo, reforçam o papel econômico e social da mulher como consumidora e promotora da aparência, articulando as dimensões do cuidado com o vestir-se e a manutenção da reputação familiar. O estímulo à aquisição de *tailleurs* e outros modelos sofisticados mostra como a circulação editorial dos impressos femininos operava para consolidar o lugar da mulher como peça ativa e, ao mesmo tempo, regulada dentro do ambiente doméstico e social.

Figura 3. Propaganda de ateliê de costura. *Jornal das Moças*, 1914, edição 01, 21/05/1914.



Na seção representada a seguir são listadas recomendações sobre comportamento, instrução doméstica, postura e moderação, reafirmando os atributos desejáveis para a mulher ideal, sobretudo daquela da classe média urbana. A fotografia e o texto permitem construir a visualidade e a narrativa do feminino disciplinado, instruindo sobre o papel da mulher como gestora do lar, guardiã da moral e elemento de estabilidade familiar.

Figura 4. O que a mulher deve ser. *Jornal das Moças*, 1914, edição 02, 01/06/1914.



Dentro desse contexto, o *Jornal das Moças* funciona tanto como um instrumento de reprodução da ideologia dominante quanto como um espaço cultural de mediação, no qual se negocia a identidade feminina. A revista ilustrada aparece como um espaço privilegiado para a formação de condutas e valores esperados das mulheres da classe média urbana, que deveriam exibir elegância, domesticidade e moralidade pautadas pelos códigos de civilidade europeus que orientavam o ideal burguês brasileiro de inícios da República (Moraes; Martelli, 2017).

Violeta-Odette e as táticas da produção escrita feminina

Entretanto, a análise discursiva da edição revela nuances interessantes. Como destaca Almeida (2008, p. 140), o *Jornal das Moças* abriga um “arquivo discursivo” onde se inscrevem estratégias de normatização feminina, porém também se permite a voz das leitoras por meio da publicação de cartas, poemas e pequenos textos, que funcionam como espaços de interlocução e possíveis tensões à norma dominante. Essas contribuições, ainda que discretas, indicam um movimento de resistência e resignificação em que as mulheres participam do circuito discursivo da revista como produtoras de sentidos, o que desafia a rigidez do discurso hegemônico que, por vezes, as colocavam como consumidoras passivas (Almeida, 2008).

O conceito foucaultiano de produção de subjetividades também ajuda a pensar essa dinâmica já que o periódico é um instrumento de poder que disciplina e forma as mulheres segundo um modelo de civilidade, mas que permite a emergência de sentidos múltiplos e dá margem para pequenas insurgências cotidianas (Foucault, 2008). Por isso, a maquiagem, o modo de vestir, a leitura fecunda e a manutenção das virtudes, embora revistas pelos protocolos patriarcais, configuram também práticas pelas quais as mulheres se apresentam como sujeitos e agentes dentro das limitações vigentes (Santos, 2019).

Esse parece ter sido o caminho de uma personagem que aparece nas edições do ano de 1914, a poetisa Violeta-Odetta,⁴ participante constante das edições do *Jornal das Moças* do mesmo ano como comentadora e colaboradora recorrente e que se configura como atuação literária e intelectual que tensionava o papel do ser mulher naquele jornal.

Figura 5. Fotografia de Violeta-Odetta publicada em *Jornal das Moças*. *Jornal das Moças*, Ano 1914, edição 15, 18/12/1914.



A contribuição de Violeta-Odetta no periódico é diversa e marcada por uma densidade reflexiva. Ela publica, por exemplo, o soneto “Eu”,⁵ dedicado ao poeta Annibal Theophilo no qual reivindica uma identidade intelectual, distanciando-se de dogmas religiosos e exaltando o ceticismo. O poema é marcado por negação do conformismo, crítica à obediência compulsória e proclamação da

⁴ Numa busca sobre o nome Violeta-Odetta, encontram-se publicações de poemas e prosas espiritualistas de uma mulher com o mesmo nome e vinculada à Federação Espírita Brasileira que também ficava na capital. Pelo teor dos poemas, é possível depreender que possam ser a mesma pessoa.

⁵ O poema “Eu”, de Violeta-Odetta, apresenta coincidência de título com a célebre obra de Augusto dos Anjos (1912). Embora não existam evidências documentais de um diálogo direto entre os autores, e o jornal não menciona se trata de uma homenagem direta, a escolha do título e o tom existencial dos versos de Violeta-Odetta ecoam a circulação de temas caros à lírica do período, marcados pela densidade reflexiva do cientificismo e pela rigidez formal e o cultivo da subjetividade. Essas características são típicas de um ambiente cultural ainda permeado pela influência parnasiana.

sinceridade e independência do pensamento poético em uma perspectiva existencial. Outros textos, como “A dor da guerra”, que trata especificamente sobre o momento histórico da Primeira Guerra Mundial, “Rosario de saudades” e “Arroubos”, trazem temáticas de sofrimento, sensibilidade, beleza da natureza e complexidade afetiva, frequentemente com tom filosófico, rompendo com o padrão sentimental restrito à esfera privada.

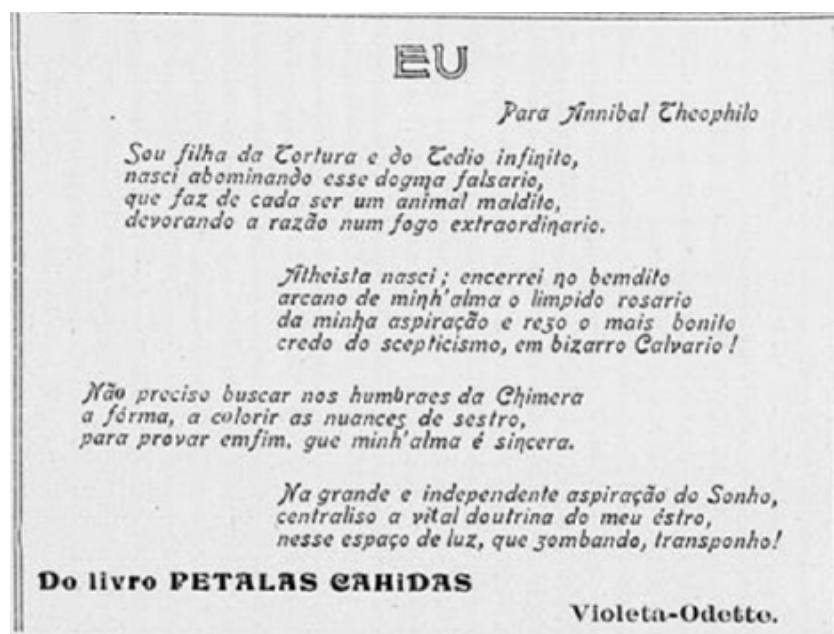


Figura 6. Poema “Eu”. *Jornal das Moças*, 1914, edição 04, 01/07/1914.

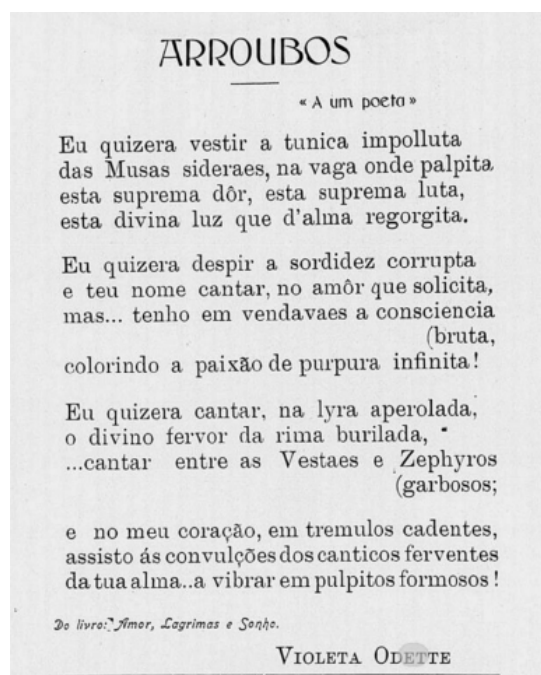
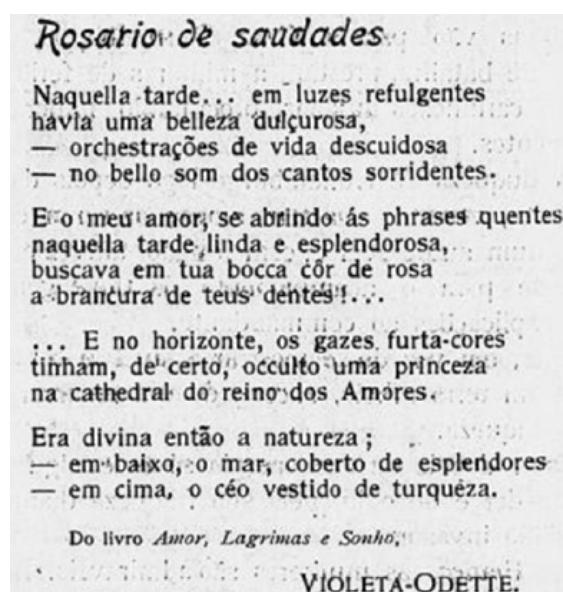


Figura 7. Poema “Arroubos”.
Jornal das Moças, 1914, edição 05,
01/07/1914.

A escolha dos textos selecionados para o jornal mostra uma mulher que, ao eleger temas como a guerra e o ceticismo, subverte a expectativa de um padrão feminino sentimental. Ao introduzir a angústia diante do conflito mundial e a densidade da reflexão filosófica em um jornal em parte voltado para a etiqueta doméstica, Violeta-Odette opera o emprego de táticas (Certeau, 1998) de ocupação do espaço público letrado. Ela força o *Jornal das Moças* a expandir suas fronteiras temáticas, demonstrando que o espaço do periódico pode ser convertido em uma possibilidade de escrita de si que escapa ao cerceamento das normas de conduta esperada.

Figura 8. Poema “Rosario de saudades”. *Jornal das Moças*, 1914, edição 12, 01/11/1914.



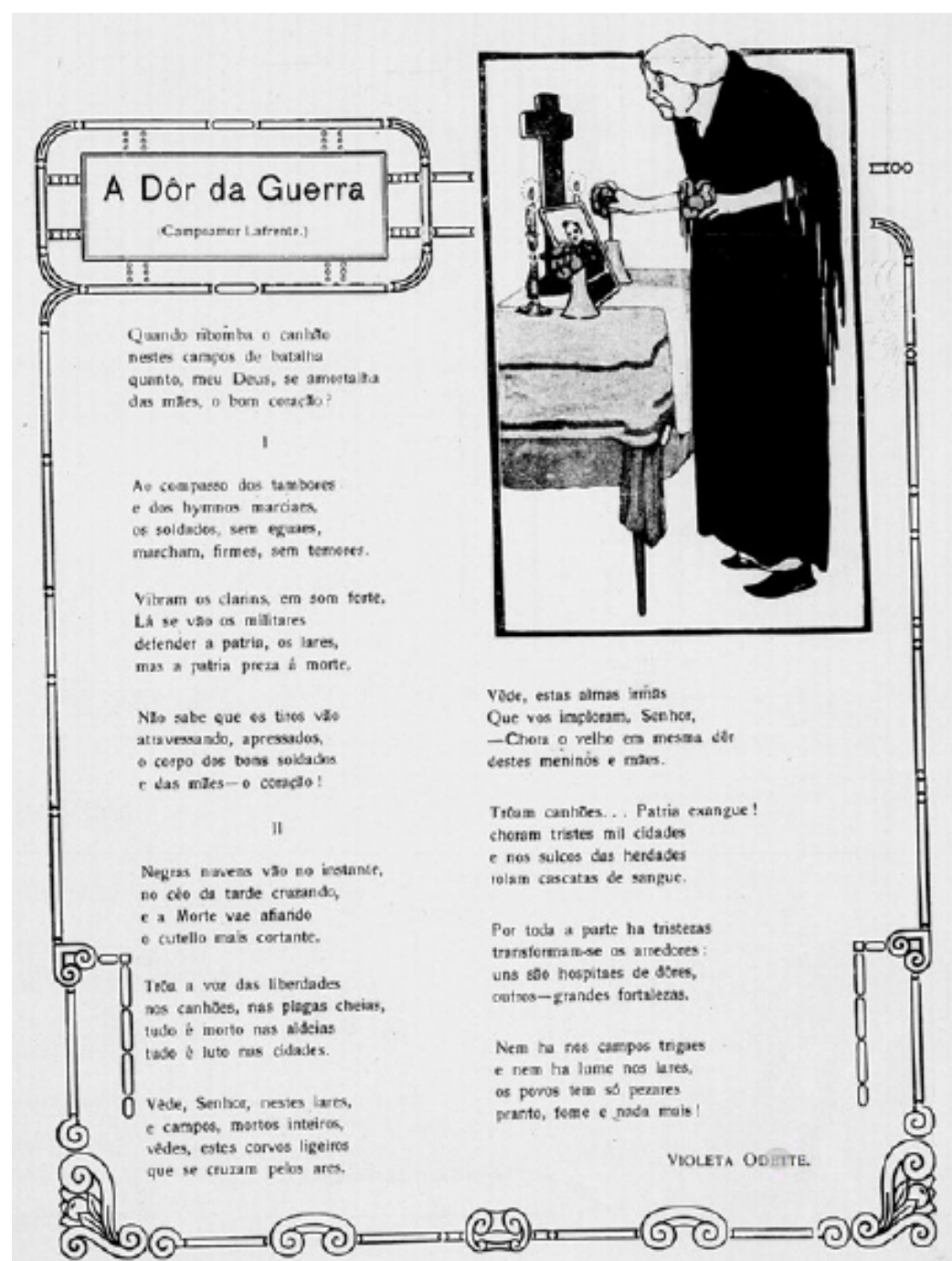


Figura 9. Texto “A dor da Guerra”. *Jornal das Moças*, 1914, edição 15, 18/12/1914.

Violeta-Odetete era reconhecida por sua participação regular, seja enviando missivas, poemas, crônicas ou fazendo intervenções intelectuais em debates sobre os artigos da revista. As diversas cartas dos editores indicam que ela se dirigia à revista com constância: há menções às suas falas e referência aos seus dotes intelectuais e científicos, e, ainda, à sua atuação como conferencista e colaboradora.

Conferencia

A conhecida poetisa, illustre senhorita Violetta Odette, que por mais de uma vez tem honrado as paginas do «Jornal das Moças», com bellissimas produções litterarias, realisou no dia 22 uma conferencia sobre o thema : — «Symptose dos corcundas».

Como era de esperar a distincta patricia demonstrou mais uma vez os seus elevados dotes intellectuaes e o profundo cabedal scientifico que possui.

— ✻ —

Violeta Odette

A nossa distincta collaboradora, poetisa Violeta Odette, realisou com successo, como já dissemos nas notas mundanas, a sua conferencia sobre o thema : *Symptose dos corcundas*.

Violeta Odette teve apenas um defeito na sua conferencia: fel-a scientifica de mais para a arte subtil do ambiente do Assyrio.

Quanto ao caso de julgar impossivel a genealidade nos corcundas, não concordamos, pois Leopardi, o tristissimo e grande Leopardi, foi corcunda.

Apezar dessas duas ligeiras discrepancias, Violeta Odette revelou vastos conhecimentos scientificos que lhe poderiam dar muitos louros numa Sorbonne Nacional, si accaso a possuissimos.

Nossos sinceros parabene por mais essa demonstração de seu talento e de seu entranhado amor ao estudo.

Figuras 10 e 11. Comentários sobre conferência proferida por Violeta-Odette.

Jornal das Moças, 1914, edição 10, 30/09/1914.

O fato de Violeta-Odette ser reconhecida como conferencista e intelectual pelo periódico aponta um fenômeno de legitimação. A editoria, mesmo usando de ironia ao descrever a presença de Odette, a chancelava como intelectual. Essa posição de destaque, entretanto, trazia consigo o ônus da vigilância. Ao ser alçada ao lugar de autoridade intelectual, Violeta-Odette passava a ser escrutinada pelo que escrevia e pelo que sua trajetória representava como possível modelo (ou desvio) para as leitoras. O reconhecimento de seus dotes intelectuais e científicos lhe conferia o palco necessário para a circulação de suas ideias, mas tornava sua dissidência um alvo mais passível de correção pelos editores.

As comunicações revelam também episódios de tensão e embates literários e ideológicos. Na ocasião ilustrada a seguir, os editores expressam estranhamento diante de ideias consideradas “anarquistas” para o contexto feminino da sociedade. Por vezes,

solicitam que Violeta-Odette escreva versos mais líricos e sentimentais, manifestando incômodo com o teor crítico ou filosófico presente em suas produções, e com sua independência intelectual. Esse embate é típico das negociações simbólicas que as mulheres intelectuais exerciam nos periódicos femininos da época.

VIOLETA-ODETTE — Capital — Não sabemos como agradecer as suas palavras bondosas. Teríamos imensa satisfação em publicar o seu retrato, como prova de nossa profunda gratidão.
Os versos que nos mandou não são máos, principalmente os que escreveu em francez, mas encerram idéas que quasi poderíamos classificar de *anarchistas* no meio feminil da nossa sociedade. Sendo V. Ex. poetisa, como se revelou nesses trabalhos, preferimos que escreva uns versos mais lyricos, sentimentaes.
Dos seus trabalhos publicamos hoje o soneto EU.

Figura 12. Ideias “anarchistas no meio feminil”. *Jornal das Moças*, 1914, edição 03, 15/06/1914.

Este estranhamento editorial é um dado que materializa a fronteira entre o que a revista tolerava como uma excentricidade feminina e o que identificava como uma ameaça moral. O conflito se estabelece no atrito entre o ideal de mulher que a editoria do *Jornal das Moças* intencionava propagar e a subjetividade real da colaboradora. Ao rotular suas ideias de *anarquistas*, o editor admite que a escrita de Violeta-Odette possui um poder disruptivo que ele não consegue enquadrar, revelando a instabilidade do próprio discurso disciplinador que a revista se propunha a difundir.

Na imagem seguinte, é possível verificar ainda a indicação do editor para que Violeta-Odette tenha atenção às suas crenças e posicionamentos já que logo poderá ser “mãe de família”, denotando que a postura mais assertiva e crítica de Odette deveria ser, em algum momento, tolhida.

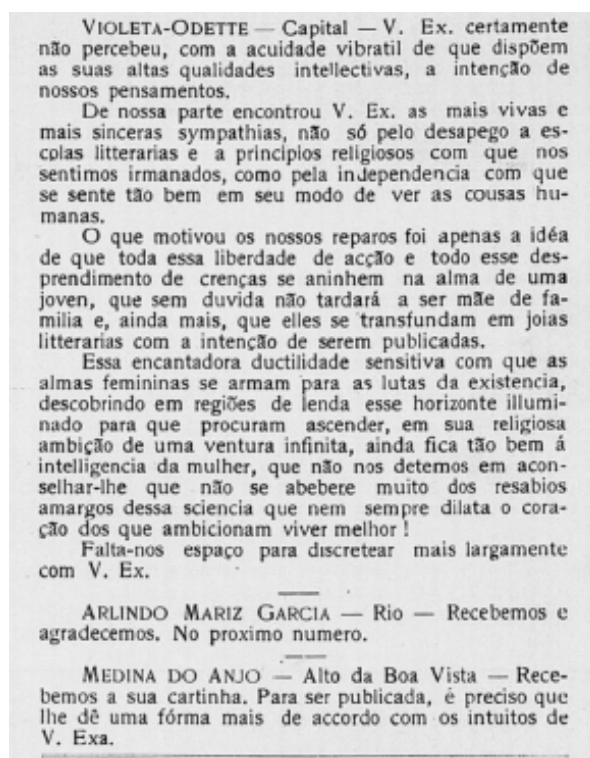


Figura 13. Reparos à Violeta-Odetta. *Jornal das Moças*, 1914, edição 04, 01/07/1914.

Ao longo das edições é possível perceber a tensão que muitos dos posicionamentos de Odetta às matérias da revista geravam. Em mais de um momento é perceptível um tom de oposição direta ou de ironia velada sobre o envio de comentários feitos por ela.

VIOLETA ODETTE. -- Está zangadinha connosco? Estavamos tão habituados ao seu instructivo e captivante convívio litterario que sentimos deveras a ausencia...

VIOLETA ODETTE— Ah! que prazer enorme nos deu a sua delicada missiva, como nos sentimos bem depois da sua leitura. Já suspeitavamos da sua innocente *perfidia*. Neste numero publicamos um dos seus trabalhos.

Figuras 14 e 15. Tensões e ironias. *Jornal das Moças*, 1914, edição 12, 01/11/1914.

A trajetória de Violeta-Odetta no *Jornal das Moças* é um exemplo das ambivalências e tensões vividas pelo campo intelectual feminino em 1914. Sua atuação revela táticas (Certeau, 1998) sofisticadas de negociação simbólica as quais alternava momentos de afirmação pública de autoria e autonomia intelectual com episódios de confronto direto com a moderação editorial, que buscava enquadrar suas contribuições no eixo dos valores dominantes. Os emba-

tes com os editores, registrados tanto nos textos quanto nas mensagens que acompanham a publicação de seus poemas e ensaios, denunciam a existência de fronteiras móveis entre aceitação e controle da voz feminina nesse espaço midiático.

O teor dos textos de Violeta-Odette ultrapassa, em muitos momentos, o padrão esperado para colaboradoras do período. Aborda questões filosóficas e sociais, emprega linguagem crítica e reivindica o direito à autonomia do pensamento e à pluralidade do sentimento. Essa postura, por vezes celebrada, também era vista com reservas e rendia orientações para que se acomodasse a formas mais líricas e sentimentais de texto. Nessa dialética, evidenciava-se tanto um modo de transitar pelas margens em uma agência sobre sua autoria quanto o esforço coletivo das instituições e de editores para restringir o alcance transformador da produção intelectual das mulheres.

Assim, a circulação de discursos como os de Violeta-Odette no *Jornal das Moças* permite analisar que o periódico funcionava como instrumento de disciplinamento e como arena dialógica de disputa, onde as colaboradoras encontravam meios de tensionar, ressignificar ou negociar suas posições e identidades. A presença de figuras como Violeta-Odette desafia o postulado da mulher exclusivamente como guardiã da moral doméstica, testemunhando o surgimento de novas subjetividades (Foucault, 2008), inquietações e modalidades de enunciação feminina que transcendem o privado, alcançando o campo público das ideias e da crítica.

As edições iniciais do *Jornal das Moças* refletem um momento histórico de inflexão e complexidade para a formação do sujeito feminino. As mulheres eram construídas, normativa e discursivamente, como depositárias de valores familiares e morais, mas o próprio ambiente ambíguo da imprensa ilustrada permitia a circulação de discursos que inauguravam movimentos de transformação das identidades. O jogo entre normas e desvios, entre reconhecimento e resistência criativa, aponta para um processo ativo de constituição do feminino urbano brasileiro, que, mesmo limitado pelo patriarcado, já esboçava os contornos de uma multiplicidade de sensibilidades e projetos de vida.

Considerações finais

Este estudo analisou a imprensa feminina, articulando teórico-metodologicamente história social, história das relações de gênero e história digital. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ao oferecer acesso integral às edições históricas do *Jornal das Moças*, viabilizou outras aproximações com as fontes e abriu novas possibilidades de compreensão acerca dos processos de produção, circulação e apropriação dos discursos sobre o feminino no início do século XX.

Como resultado dessa análise, o *Jornal das Moças* emergiu como um espaço da pedagogia moral e da disciplina de condutas femininas, mas também, paradoxalmente, como território de agência e criação feminista. A revista cumpria a função de instrumento civilizador, legitimando padrões de domesticidade, elegância e contenção das emoções. Entretanto, o próprio fluxo do periódico, composto por cartas, conselhos, poemas, anúncios e outras colaborações, permitia fissuras nos discursos hegemônicos. Essa ambiguidade é um dos elementos centrais para compreender a dialética constitutiva da presença feminina na imprensa de costumes.

A figura de Violeta-Odette, colaboradora recorrente desde a edição inaugural de 1914, exemplifica essas tensões. Sua trajetória expressa o contínuo movimento entre o reconhecimento e o controle, entre a visibilidade conquistada e as imposições de limites editoriais. A autora se afirmava como sujeito de pensamento e de escrita em um campo marcado por expectativas de moderação, exercendo, nas palavras de Michel de Certeau (1998), táticas de resistência. Mesmo sob vigilância editorial, sua produção poética e suas interações com os redatores materializam o jogo tenso entre norma e criação, disciplina e desvio.

Essas expressões literárias e discursivas demonstram que, ainda que o *Jornal das Moças* estivesse inserido no projeto civilizador que visava educar e moralizar o público feminino, ele também se constituía como um campo de disputa e reinterpretação. As leitoras e colaboradoras, por meio de práticas sutis de escrita, leitura e sociabilidade, se apropriavam de um espaço originalmente nor-

mativo para elaborar experiências subjetivas, intervir nos debates da época e inscrever novas formas de ser e pensar o feminino. A dialética entre reprodução e transgressão, visível nas múltiplas camadas do periódico, permite inferir que a história da imprensa feminina é igualmente uma história de gestos de resistência dentro da ordem.

Por fim, a leitura digitalizada desse arquivo histórico reposiciona o *Jornal das Moças* no centro das discussões sobre gênero, além de convidar à reflexão sobre o papel político dos acervos digitais sobre a mulher na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de compreender que o estudo da imprensa feminina por intermédio das fontes digitalizadas ativa o potencial de crítica a uma lógica do passado histórico ainda presente hoje, de maneira metamorfoseada: um passado presente de silenciamentos e de invenções, de controle e de movimento, no qual as mulheres, como Violeta-Odetta, transformaram espaços normativos em lugar de experimentação de si e de luta por reinvenção social.

Referências

- ALBUQUERQUE, Dálete Cristiane Silva Heitor de. *A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão: a representação da mulher nas colunas da revista Jornal das Moças (1930-1945)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/3SYn>. Acesso em: 19 out. 2025.
- ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. *Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. 2008. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- ANDREACOLA, Florence. Dominique Vinck, humanités numériques: la culture face aux nouvelles technologies. *Culture & Musées*, Paris, v. 28, p. 256-259, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/3tGu>. Acesso em: 19 out. 2025.
- ASSIS, Isabella Carolina Pongelupe; PAULA, Lorena Tavares de. Mediação da informação digital: análise no contexto da Biblioteca Nacional do Brasil. *RDBCI*, Campinas, v. 22, e024012, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://shre.ink/3t7m>. Acesso em: 19 out. 2025.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, nº 69, p. 196-219, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/3SPI>. Acesso em: 19 out. 2025.

- BITTONI, Dulcila Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. t. 1.
- COELHO, Nelly Novaes. A emancipação da mulher e a imprensa feminina. *Cosmo*. [S. l.], 2005. Disponível em: <https://shre.ink/3tU5>. Acesso em: 19 out. 2025.
- COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan M. Archives, records, and power: the making of modern memory. *Archival Science*, Dordrecht, v. 2, nº 1-2, p. 1-19, 2002. Disponível em: <https://shre.ink/3t2F>. Acesso em: 19 out. 2025.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.
- FERNOCCHI, Letícia. *Moda e ensino de história: a Primeira Guerra Mundial por meio do Jornal das Moças*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/3t55>. Acesso em: 19 out. 2025.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência: a Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica*. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/3tAh>. Acesso em: 19 out. 2025.
- JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças, 1914-1965. Disponível em: <https://shre.ink/3tGe>. Acesso em: 1 maio 2026.
- JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças, ano 1, nº 1, 21 maio 1914. Disponível em: <https://shre.ink/3tGe>. Acesso em: 1 maio 2026.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, p. 221-240, dez. 2007. Disponível em: <https://shre.ink/3tA3>. Acesso em: 19 out. 2025.
- LUCCHESI, Anita. História pública digital: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. *Boletim do Tempo Presente*, [s. l.], v. 11, nº 3, p. 36-43, mar. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/3tAL>. Acesso em: 19 out. 2025.
- MONTEIRO, Fernanda. Reflexões epistemológicas dos arquivos e do fazer arquivístico enquanto instrumentos de poder. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 27, nº 1, p. 313-322, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://shre.ink/3tA5>. Acesso em: 19 out. 2025.
- MORAES, Patricia Canabarro Coelho de; MARTELLI, Andréa Cristina. Jornal das Moças: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX. *Travessias*, Cascavel, v. 11, nº 3, p. 1-19, set./dez. 2017. Disponível em: <https://shre.ink/3tL4>. Acesso em: 19 out. 2025.
- NORA, Pierre (dir.). *Les lieux de mémoire: la nation*. Paris: Gallimard, 1997. t. 2.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://shre.ink/3tLz>. Acesso em: 19 out. 2025.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 13, nº 34, e0201, p. 1-35, set./dez. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/3t3i>. Acesso em: 28 abr. 2026.

SANTOS, Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos. *A representação da mulher na revista feminina Jornal das Moças durante a primeira metade do século XX*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SCHUELER, Alessandra; RIZZINI, Irma. Mulheres no trabalho docente e nos movimentos sociais do Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX: uma questão de gênero, raça e classe. In: LIMEIRA, Aline de Moraes; GALVÍNCIO, Amanda (org.). *Mulheres em movimento na história da educação brasileira (1850-1950)*. Curitiba: Editora Appris, 2024. cap. 9.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://shre.ink/3tjL>. Acesso em: 19 out. 2025.

SILVA, Ruth Miranda Oliveira da. *O Jornal das Moças, a condição feminina e a figura materna (1914-1934)*. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/3tjb>. Acesso em: 19 out. 2025.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <https://shre.ink/3tjk>. Acesso em: 19 out. 2025.

TEIXEIRA, João Vitor de Armas. A história dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, v. 8, nº 14, p. 415-431, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/3tj9>. Acesso em: 19 out. 2025.

Anna Beatriz Esser dos Santos | Doutora em história comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de história da educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: annaesser88@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2232631167828117> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4812-7628>.

<< Voltar ao início